



***O doping* e os Jogos Olímpicos: diferentes dimensões do fenômeno**

Marco Bettine de Almeida

Diego Monteiro Gutierrez

Gustavo Luis Gutierrez

resumo

Este artigo apresenta uma rápida história do *doping* nos Jogos Olímpicos, a sua evolução nas provas e o desenvolvimento das formas de controle. Ilustra alguns dados quantitativos sobre substâncias mais comuns e casos denunciados para, no fim, desenvolver uma reflexão sobre as consequências da repercussão do *doping* na sociedade de uma forma geral.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; *doping*; esporte; saúde.

abstract

This article presents a brief history of doping in the Olympic Games, the evolution in testing, and the development of control methods. It illustrates some quantitative data on the most common substances, cases reported; and finally it develops a reflection on the consequences of doping for society in general.

Keywords: *Olympic Games; doping; sport; health.*

O DOPING NOS JOGOS OLÍMPICOS

O uso de substâncias com o objetivo de melhorar artificialmente o desempenho esportivo é tão antigo quanto o próprio esporte, sendo encarado de diferentes maneiras com o passar do tempo. No caso dos Jogos Olímpicos modernos, a preocupação com o *doping*, suas consequências éticas, esportivas e na saúde dos atletas vêm recebendo uma atenção cada vez maior. No âmbito deste artigo discuti-

remos como essa prática foi vista historicamente, apresentando as transformações que o *doping* sofreu, o aspecto ético, sua prevenção e controle, e a questão técnica, com o desenvolvimento de drogas e artifícios cada vez mais elaborados e difíceis de serem detectados. Por fim, discutiremos qual é a implicação dessa prática na sociedade como um todo e sua relação com a noção de esporte e saúde.

Os Jogos Olímpicos de Verão são o evento esportivo mais assistido do mundo, crescendo em audiência a cada ano. Na última edição, disputada em Londres em 2012, estima-se, segundo dados da própria organização, que 3,8 bilhões de pessoas assistiram ao menos a um minuto dos jogos. Um número impressionante, se considerarmos a população mundial de 6,8 bilhões de pessoas.

Os Jogos Olímpicos da Idade Moderna foram disputados pela primeira vez em 1896, na cidade de Atenas, e depois a cada quatro anos, sendo suspensos apenas nos períodos da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, com o Rio de Janeiro

recebendo a 31ª edição, em 2016. A competição logo se tornaria um grande sucesso de público, e a medalha olímpica, a maior glória esportiva que um atleta pode conquistar.

A importância dos jogos rapidamente sairia da esfera esportiva. Muitos governos passaram a ver a competição como um espaço de demonstração da superioridade nacional. Nesse ambiente, os atletas passariam a competir não mais pelo resultado individual, mas pela glória de um povo, com uma medalha significando o triunfo de toda a nação, demonstrando a superioridade de um regime ou de uma nação sobre a outra.

Os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, seriam o palco escolhido pelo regime nazista para demonstrar a superioridade ariana. No período da Guerra Fria, a competição seria uma arena de embate entre o capitalismo, representado pelos Estados Unidos, e o comunismo da União Soviética, com as vitórias esportivas representando o triunfo do regime.

O fim da Guerra Fria poderia diminuir a importância política dos jogos, porém a competição

MARCO BETTINE DE ALMEIDA é professor associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP.

DIEGO MONTEIRO GUTIERREZ é mestrando em Mudança Social e Participação Política na EACH-USP, bolsista Fapesp.

GUSTAVO LUIS GUTIERREZ é professor titular da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

agora passaria a ser valorizada por nações emergentes, que perceberam o fato de sediar a competição e triunfar na arena esportiva como uma forma de demonstrar seu desenvolvimento social e tecnológico. Além disso, com o fim da Guerra Fria, vamos assistir a um grande crescimento da importância econômica do evento, através de patrocinadores e fabricantes de materiais esportivos.

Nesse ambiente a vitória vale muito: glória, triunfo nacional e muito dinheiro, com os atletas dispostos a desafiar todos os limites em nome da medalha olímpica. Nesse contexto, as mais diversas formas de treinamento seriam desenvolvidas, além da expansão de novas áreas de pesquisa, como a medicina e a nutrição esportiva. Uma parte dessas novas técnicas seria considerada legítima, enquanto outras acabariam por ser banidas, em nome da segurança dos atletas, da condição de igualdade entre os competidores e do espírito esportivo, entre elas, o *doping*.

A definição do que é *doping* varia de acordo com a interpretação de cada entidade. Atualmente, segundo a Federação Internacional de Medicina Esportiva, “*doping in sport is the deliberate or inadvertent use by an athlete of a substance or method banned by the International Olympic Committee (IOC)*”¹.

O *doping* não se limita apenas à utilização de substâncias banidas, como esteroides anabolizantes, diuréticos e o hormônio do crescimento (HGH), mas também a toda uma gama de técnicas, como a transfusão de sangue ou a autotransfusão, quando um atleta retira o seu sangue e, na véspera da prova, o reinjeta no próprio corpo.

Vale destacar que, apesar do que aponta a mídia, muitas das substâncias não são proibidas ou ilegais, o que é vetado é seu uso no esporte. Drogas proibidas pela Agência Mundial Antidoping (Wada, na sigla em inglês) foram inicialmente desenvolvidas para tratar de determinadas doenças e hoje ajudam milhões de pessoas a ter uma vida mais saudável. Por exemplo, esteroides anabólicos podem ser utilizados para prevenir má

nutrição em pacientes com câncer e Aids, em casos de deficiência de testosterona e no tratamento de osteoporose, assim como beta-2 agonistas são utilizados para o tratamento de crises de asma.

Substâncias proibidas em todos os momentos²
Agentes anabólicos.
Hormônios peptídicos, fatores de crescimento, substâncias relacionadas e miméticos.
Beta-2 agonistas.
Moduladores hormonais e metabólicos.
Diuréticos e agentes mascarantes.
Substâncias não aprovadas – Que não estejam em outras seções da lista nem homologadas por órgãos de saúde para uso humano.

Métodos proibidos
Manipulação de sangue e de componentes do sangue.
Manipulação química e física.
Dopagem genética.

Substâncias e métodos proibidos em competição
Estimulantes.
Narcóticos.
Canabinoides.
Glicocorticoides.

As transformações ocorridas no esporte, o foco no *fair play*, na saúde dos atletas e o destaque dado à relação entre prática esportiva e vida saudável vêm contribuindo para que o *doping* seja cada vez mais perseguido. Nos últimos anos, toda uma série de técnicas antidopagem foram desen-

1 “*Doping* no esporte é o uso por um atleta, de forma deliberada ou não, de uma substância ou método banido pelo Comitê Olímpico Internacional.” Disponível em: <http://www.fims.org/files/4414/2056/2561/PS13-Statement-on-Doping-in-Sport.pdf>.

2 As tabelas têm como base a lista de substâncias proibidas em todas as competições pela Wada em 2016. Disponível em: <http://www.abcd.gov.br/arquivos/lista2016.pdf>.

volvidas, os testes se tornaram mais frequentes e as punições, mais duras. A criação da Wada, em 1999, representaria um marco nessa luta, criando uma entidade mundial responsável pela antidopagem em todas as competições e modalidades do mundo. Mesmo assim, a sensação geral é de que nunca existiu tanto *doping*.

Nos últimos anos, uma série de escândalos contribuiria para essa sensação, o último deles ocorrido na Rússia, onde se descobriu um esquema de *doping* envolvendo a própria Federação Russa de Atletismo (Araf, na sigla em inglês), que possuía um projeto organizado de *doping* de seus atletas. A confirmação das acusações causou ultraje mundial, além de muitas dúvidas em relação à legitimidade de várias medalhas conquistadas em Londres por atletas russos, e levou ao banimento por tempo indeterminado da Federação Russa de Atletismo de todas as competições internacionais, podendo inclusive ser proibida de participar dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro³. Com essa punição, a Araf se torna a primeira federação da história a ser banida dos jogos por alegações de *doping*. Apesar disso, se olharmos no âmbito histórico, tanto a rejeição ao *doping* quanto sua prevenção são mais intensos hoje do que há 20 anos. O número maior de casos pode não representar um aumento de incidência, mas ser consequência de uma maior prevenção. O *doping* é tão antigo quanto os próprios jogos e vem ocorrendo durante o tempo, com diferentes intensidades.

O primeiro caso registrado de *doping* nas Olimpíadas de Verão ocorreu nos Jogos de St. Louis 1904, com o maratonista Thomas Hicks, que viria a receber a medalha de ouro, depois que se descobriu que o campeão inicial da prova havia feito parte do percurso de caminhão. Na ocasião, Hicks recebeu duas vezes durante a prova injeções de estricnina (mais conhecida como um veneno, mas que em pequenas doses serve como um estimulante) e doses de conhaque do seu treinador. Ao atravessar a linha de chegada, Hicks desmaiou e precisou ser reanimado pelos médicos da prova. Mais do que o caráter anedótico da história, a importância do acontecimento

está no fato de que não houve críticas ao atleta ou ao treinador, nem pedidos de desclassificação; Hicks não mostrou remorso algum em receber a medalha, nem a torcida considerou sua vitória menos legítima. Isso mostra que no início dos Jogos Olímpicos ainda não havia uma rejeição ética ao *doping*, nem por parte da torcida nem dos atletas (Kremenik et al., 2006, p. 20).

Os anos 30 marcariam a entrada no mercado das anfetaminas, que rapidamente substituiriam a estricnina como substância preferida dos atletas. A partir desse momento, não importando o seu uso original, assim que uma nova droga ou técnica entrasse no mercado, treinadores e atletas passariam a analisar a possibilidade de seu uso para aumento de desempenho, testando-a muitas vezes, de maneira empírica, em seus próprios corpos (Kremenik et al., 2006, p. 20).

Estimulantes⁴

São substâncias que estimulam o sistema nervoso central, aumentando a concentração, o ânimo e os índices metabólicos. Os exemplos mais comuns são as anfetaminas, cocaína e efedrina.

São utilizadas pelos atletas porque diminuem momentaneamente a sensação de fadiga.

Efeitos colaterais: causam dependência e podem levar a arritmia e derrame, entre outros.

A grande disponibilidade de anfetaminas no mercado pós-Segunda Guerra Mundial, além dos seus efeitos no desempenho, levaria ao seu uso generalizado entre atletas das mais diversas modalidades. O uso indiscriminado dessas substâncias durante os anos 60 estaria relacionado com uma série de acidentes. Os Jogos Olímpicos de Roma 1960 presenciariam a morte, durante uma prova, do ciclista dinamarquês Knut Jensen, enquanto no Tour de France de 1967, o então líder da prova, Tom Simpson, teria sua morte transmitida ao vivo, entre outros casos em que os atletas estariam sob efeito de estimulantes ou outras substâncias (Todd 1987, p. 96).

3 Disponível em: <http://www.theguardian.com/sport/2015/nov/26/russia-full-indefinite-ban-world-athletics-doping-scandal>. Acesso em: 16/3/2016.

4 Disponível em: <https://sites.google.com/site/playing-clean/Is-It-BannedA>. Acesso em: 16/3/2016.

Ainda nos anos 30, a testosterona sintética foi desenvolvida, mudando o ambiente esportivo para sempre. A sua aplicação no esporte, porém, só ocorreria nos anos 50. A Olimpíada de 1952 foi a primeira a ter a participação da URSS, e seu desempenho fenomenal no levantamento de peso suscitou muitas suspeitas de que os atletas estariam utilizando esteroides, o que se confirmou em 1954, com o médico da delegação admitindo o uso de testosterona nos atletas.

Ao contrário do que seria esperado, essas declarações não deram origem a indignação generalizada, como ocorrido no caso do atletismo russo décadas depois, nem a pedidos de anulação dos resultados ou punição aos envolvidos. Pelo contrário, o que se viu foi uma corrida de atletas de outras nações para utilizar essas substâncias, e um intenso debate sobre a real eficiência dos esteroides, sua segurança e qualidade dos resultados, com atletas, treinadores e médicos testando novas técnicas e substâncias.

Agentes anabolizantes⁵
São compostos derivados do hormônio masculino testosterona.
São utilizados no esporte porque aumentam a massa muscular e diminuem a gordura corporal.
Efeitos colaterais: o uso contínuo pode levar ao aparecimento de problemas cardíacos, hepáticos, esterilidade (em homens), entre outros. Nas mulheres, pode levar a efeitos virilizantes (aumento dos pelos corporais, engrossamento da voz, entre outros).

A corrida por substâncias dopantes fez surgir uma geração de superatletas, e já nos Jogos de Melbourne 1956 ficaria claro para o grande público que aqueles corpos e recordes não eram totalmente naturais. Isso, aliado aos acidentes que aconteciam pelo uso indiscriminado das anfetaminas, criou um ambiente de desconfiança em relação ao *doping*.

Essa série de acontecimentos daria início a um longo debate dentro do Comitê Olímpico Interna-

cional (COI) e no esporte como um todo, sobre o que fazer em relação a essas práticas, se seria inerentemente errado utilizar essas substâncias e sobre como coibir e punir as atitudes consideradas excessivas. Aos poucos, federações e confederações passariam a estabelecer seus próprios parâmetros. No caso dos Jogos Olímpicos, o anti-doping só seria estabelecido em 1968, encerrando de uma vez por todas o debate em torno da legalidade ou não dessas práticas.

Os testes antidopagem marcaram o início de uma nova era no esporte, o começo de um jogo de gato e rato, com as entidades controladoras perseguindo os atletas e treinadores. Assim, houve uma busca incessante por novas drogas e técnicas ilegais, de um lado, e as formas de detectá-las e coibi-las, de outro. Apesar da evolução, nos primeiros 20 anos de antidopagem, a vantagem esteve sempre com os que procuravam burlar as regras, com o período presenciando algumas das mais gritantes infrações, embora mantendo-se relativamente distante do grande público.

A falta de controle das entidades viria a ser representada pelas atletas da Alemanha Oriental. Desde o início dos anos 70, as autoridades desse país colocaram em prática um plano de *doping* (Kremenik et al., 2007, p. 67). Nesse ambiente, a saúde dos participantes e os possíveis danos futuros causados pelo abuso de esteroides ficavam em segundo plano, estando à frente a glória nacional e a medalha olímpica. Esse programa ficaria marcado pelas imagens das atletas de natação, visivelmente maiores e mais musculosas que as concorrentes, levantando muitas suspeitas, não provadas na época. As suspeitas só se confirmariam com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e a revelação da extensão do sistema organizado de *dopings*, assim como a história dos danos, muitas vezes irreversíveis, que os atletas desse programa sofreram devido ao abuso de esteroides.

O grande marco, porém, da luta contra o *doping* viria nos Jogos Olímpicos de Seul 1988, na corrida de 100 metros rasos masculino. O evento era um dos mais aguardados dos jogos, com uma geração brilhante de corredores, lado a lado, e a grande rivalidade entre os dois maiores nomes da época: Ben Johnson e Carl Lewis. O evento superou todas as expectativas, com Johnson atravessando a linha em incríveis 9,79 segundos, destruindo

5 Disponível em: <https://sites.google.com/site/playing-clean/Is-It-Banned>. Acesso em: 16/3/2016.

o recorde anterior, com um número que só não foi mais baixo porque o atleta comemorou antes da linha de chegada, diminuindo sua velocidade, para delírio da torcida. Nessa prova, quatro atletas, no total, quebraram a barreira dos 10 segundos.

O clima de euforia daria lugar à indignação em apenas 24 horas, com Johnson testando positivo para o esteroide Stanozolol, perdendo a medalha de ouro e tendo seu recorde mundial invalidado. A corrida de Johnson entraria para a história não como um exemplo inspirador, mas como “a corrida mais suja da história”: dos oito atletas que cruzaram a linha de chegada naquele dia, apenas dois não se envolveriam em escândalos de *doping* – o americano Calvin Smith e o brasileiro Robson da Silva.

O escândalo mancharia a história do esporte, mostrando para o grande público a extensão do uso de esteroides entre os atletas de alto rendimento, tirando muito do mito dos esportistas, que passariam a ter de conviver com a desconfiança em relação à legitimidade dos seus records.

A reação do COI foi enérgica, mas não teve força para revolucionar o esporte e o antidoping. Seriam necessários mais dez anos, e um novo escândalo, para forçar as autoridades a tomar uma atitude drástica. Em 1998, durante o Tour de France, a polícia apreendeu uma grande quantidade de substâncias proibidas no carro do time Festina, com todos os integrantes declarando-se culpados.

Esse escândalo seria o último de uma longa série. A legitimidade e a limpeza do esporte estavam em jogo e algo precisava ser feito, sob o risco de danos permanentes à imagem do esporte e dos atletas. Nesse ambiente, em 1999, foi realizada a Primeira Conferência Mundial em *Doping* no Esporte, realizada em Lausanne, na Suíça, juntando entidades esportivas e governos do mundo.

O resultado foi a criação da Agência Mundial Antidoping. Pela primeira vez, o antidoping seria gerido por uma entidade independente, sem vínculos com federações, empresas ou governos, criada com o objetivo de unificar a prática do antidoping em todas as modalidades, em todos os países, melhorando a qualidade dos testes e acrescentando cada vez mais substâncias à lista⁶.

6 Disponível em: <https://www.wada-ama.org/en/who-we-are>. Acesso em: 16/3/2016.

Hormônios peptídicos, fatores de crescimento, substâncias relacionadas e miméticos⁷

São substâncias que estimulam o aumento artificial do nível de um determinado hormônio ou substância no corpo.

Sua utilização depende do tipo de droga: Erythropoietin aumenta o número de células vermelhas no sangue, enquanto outras têm efeito similar aos agentes anabólicos (Gonadotropin e Corticotrophins).

Efeitos colaterais: variam de acordo com a droga que se aplica.

Beta-2 agonistas⁸

São drogas utilizadas no tratamento de asma (liberadas para atletas com asma).

São utilizadas por atletas porque aumentam a massa muscular, diminuem a gordura corporal e temporariamente aumentam a performance devido à dilatação bronquial.

Efeitos colaterais: em altas doses, podem causar arritmia cardíaca, insônia e espasmos musculares, entre outros.

Moduladores hormonais e metabólicos⁹

Em geral, são agentes que controlam a produção de hormônios.

São utilizados por atletas porque diminuem os efeitos colaterais do uso de agentes anabólicos; existem alguns que aumentam a massa muscular e a produção de proteína.

Efeitos colaterais: variam de acordo com a droga.

Diuréticos e agentes mascarantes¹⁰

São substâncias com o potencial de interferir nos testes antidoping.

São utilizadas por atletas para mascarar o uso de outras substâncias proibidas.

Efeitos colaterais: variam de acordo com a droga; no caso dos diuréticos, o maior perigo reside no risco de desidratação.

7 Disponível em: <https://sites.google.com/site/playingclean/Is-It-Banned>. Acesso em: 16/3/2016.

8 Idem.

9 Idem.

10 Idem.

Narcóticos¹¹
São substâncias que agem no sistema nervoso central para aliviar a dor, como a morfina.
São utilizados pelos atletas porque diminuem a sensação de dor, permitindo levar o corpo além do limite.
Efeitos colaterais: viciam e podem agravar lesões, pois o atleta não é capaz de reconhecer a gravidade de uma eventual lesão.

Glicocorticoides¹²
São substâncias que suprimem o sistema imunológico e a sensação de dor.
São utilizados porque diminuem a sensação de dor e o cansaço.
Efeitos colaterais: osteoporoses, problemas de crescimento e renais, depressão da imunidade, entre outros.

MAIS ALÉM DO ALTO RENDIMENTO

A maioria das pessoas tende a associar a prática de esportes a uma situação de boa saúde ou, em outros termos, o esporte seria um elemento de promoção da saúde. Nesse sentido, o atleta profissional é retratado, muitas vezes, como o seu grande representante, com a imagem do corpo definido, a destreza física e técnica exaltada e transmitida exaustivamente pela mídia, acabando por consolidar um ideal de ser humano no qual milhões de pessoas se espelham.

A atitude da mídia para com os atletas, muitas vezes, mascara uma série de relações entre esporte, saúde, alto rendimento e prática amadora, que são extremamente complexas e muitas vezes opostas entre si. Para abordar esse item é preciso, inicialmente, definir melhor o esporte do qual estamos falando.

Há uma diferença entre atividade física e esporte, e há enormes diferenças entre as práticas

esportivas. A atividade física prescrita, orientada e controlada corretamente, desenvolvida de forma regular e de acordo com as orientações de um especialista, deve apresentar, na grande maioria dos casos, uma correlação positiva com a promoção da saúde.

Ao tentar desenvolver o mesmo raciocínio com relação ao esporte, porém, é preciso antes defini-lo melhor. O conceito de esporte engloba atividades tão díspares quanto um jogo de xadrez, uma partida de futsal numa quadra alugada e a final de um campeonato mundial de *rugby*. Cada caso traz em si exigências físicas específicas e sua prática regular no tempo vai trazer consequências diferentes. No caso do esporte amador, vale a princípio a mesma recomendação da atividade física em geral. Se praticado com orientação, de forma adequada ou adaptada às necessidades dos praticantes, existe toda a possibilidade de que permita ao sujeito usufruir uma melhor condição de saúde, resistência física, autonomia e, inclusive, bem-estar pessoal.

Com relação ao esporte profissional, é preciso ter presente que, mais do que um esportista, estamos falando de um profissional cuja atividade específica se relaciona com o esporte. Todas as práticas profissionais, com mais ou menos intensidade, têm um impacto na saúde do trabalhador. Seja um trabalhador das minas de carvão do início do século passado, seja um atendente de *call center* dos dias de hoje, a atuação específica em ambientes de trabalho pode levar a danos ou agravos na sua saúde. Existe uma grande preocupação política e jurídica, nesse sentido, na sociedade em geral.

Quando falamos especificamente do profissional do esporte de alto rendimento, estamos falando de uma pessoa que leva a *performance* do seu corpo, repetidamente, ao limite. Não é raro encontrar, por exemplo, ex-jogadores de basquete ou vôlei que, ao chegarem à idade madura, enfrentam alguns problemas de saúde relacionados justamente aos gestos técnicos mais comuns da sua atividade esportiva. A relação mais importante aqui, nos parece, não é entre o esporte e a saúde, mas entre a especificidade da profissão do esportista e as consequências sobre a saúde dessa prática profissional.

A questão da dopagem é mais um elemento que interfere nesse quadro. Como já foi apontado, o esporte de alto rendimento e, mais especificamente, muitas modalidades olímpicas, têm

11 Idem.

12 Idem.

uma longa história de utilização de *doping*. Como em toda atividade ilegal, ou clandestina, é muito difícil fazer um acompanhamento do seu uso no tempo e uma avaliação dos riscos que trazem à saúde. Há, contudo, um consenso sobre seus efeitos perversos no organismo dos atletas. O caso da velocista norte-americana Florence Griffith-Joyner é emblemático. Detentora de quatro medalhas de ouro olímpicas (seus recordes mundiais ainda não foram batidos), a atleta nunca foi pega em um exame antidoping, mas sempre foi alvo de suspeitas entre os colegas e a imprensa. Sua morte prematura, aos 38 anos, apenas fez reforçar a desconfiança.

A situação atual, contudo, apresenta novos desafios. A “esportivização” da sociedade, o fato de o atleta estar sendo elevado à posição de exemplo e de líder, todas essas questões envolvem também uma valorização da estética do esportista. O corpo definido e musculoso passa a ser um elemento identificado, pelo menos em nível de forma, com as qualidades positivas que o próprio atleta representa na sociedade contemporânea. Mas a realidade é que nem todas as pessoas possuem o biotipo de um atleta, e muito menos dispõem de tempo, orientação e força de vontade para desenvolver a rotina de exercícios requerida para atingir o objetivo de parecer um atleta de alto rendimento.

Ao se idealizar e exaltar o rendimento e o corpo de um atleta que utiliza esteroides ou outras substâncias ilegais, cria-se um padrão inatingível para qualquer ser humano, um padrão que só pode ser conquistado com o uso de substâncias dopantes. A partir da medalha de um atleta que usa o recurso do *doping*, pode-se estar incentivando uma grande quantidade de pessoas a tomar atitudes semelhantes, em nome de um corpo que foi definido como ideal, mas que não pode ser conquistado naturalmente.

Se somarmos a esse quadro o incremento das comunicações e a facilidade de compra de produtos decorrente do desenvolvimento da internet, chegamos a uma situação em que grande parte

da população, principalmente jovem, que pratica atividade física ou esporte tem facilidade de acesso a drogas que moldam o corpo e aumentam o desempenho. Drogas estas que podem ser lícitas, ilícitas ou ainda manufaturadas sem os controles legais necessários. Mesmo no caso de drogas lícitas, sua utilização vai ocorrer fora do contexto em que elas poderiam ajudar a saúde da pessoa, visando agora a resultados distintos daqueles para os quais sua produção foi aprovada pelas agências de controle de produção de remédios.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Como foi colocado no início deste texto, o *doping* é tão antigo quanto o próprio esporte. Nesse mesmo sentido, sempre que houver uma competição esportiva com regras, haverá gente procurando encontrar uma interpretação das regras que a beneficie ou simplesmente tentando burlá-las.

A situação atual, no que se refere ao *doping* nos Jogos Olímpicos, parece apontar um desenvolvimento importante das formas de controle, apoiado tanto na evolução técnica e científica, como também num consenso ético entre as pessoas em condenar a sua prática. Assim, as denúncias recorrentes de casos de *doping* tanto podem ilustrar o crescimento do seu uso como, no sentido contrário, um aperfeiçoamento das formas de controle e vigilância.

Já no que se refere à utilização de substâncias diversas, ilícitas ou não, por parte dos praticantes de esportes e atividades físicas em geral, sem um controle e acompanhamento profissional, com objetivos de desempenho esporádico ou apenas estético, a situação se apresenta ainda mais complexa. Trata-se de uma questão cujas dimensões e características não são bem conhecidas até agora e que exigirão um esforço, não só de pesquisa, mas também das autoridades de saúde pública, no sentido de minimizar seus malefícios à população.

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO NETO, F. R. de. "O Papel do Atleta na Sociedade e o Controle de Dopagem no Esporte", in *Rev. Bras. Med. Esporte*, 7(4), jul.-ago./2001, pp. 138-48.
- BARBOSA, N. U. N. O. "O Desporto e a Farmácia: Um Amor Proibido", in *Revista Desporto & Direito, Revista Jurídica do Desporto*, 3(8), 2006, pp. 337-342.
- KREMENIK, M. et al. "A Historical Timeline of *Doping* in the Olympics (Part 1 1896-1968)", in *Kawasaki Journal of Medical Welfare*, 12(1), 2006, pp. 19-28.
- KREMENIK, M. et al. "A Historical Timeline of *Doping* in the Olympics (Part 2 1970-1988)", in *Kawasaki Journal of Medical Welfare*, 12(2), 2007, pp. 69-83.
- MARQUES, M. A. S.; PEREIRA, H. M. G.; NETO, F. R. A. "Controle de Dopagem de Anabolizantes: O Perfil Esteroidal e suas Regulações", in *Rev. Bras. Med. Esporte*, 9(1), 2003, pp. 15-24.
- MOORE, R. *The Dirtiest Race in History: Ben Johnson, Carl Lewis and the 1988 Olympic 100m Final*. London, A&C Black, 2012.
- TODD, T. "Anabolic Steroids: The Gremlins of Sport", in *Journal of Sport History*, 14(1), 1987, pp. 87-107.
- UNGERLEIDER, S. *Faust's Gold: Inside the East German Doping Machine*. New York, Macmillan, 2001.